

IDEOLOGIA UTILITARISTA E SENSACIONALISMO NO JORNALISMO CIENTÍFICO BRASILEIRO

UTILITARIAN IDEOLOGY AND SENSATIONALISM IN BRAZILIAN SCIENTIFIC JOURNALISM

Vinícius Carvalho da Silva^{1*}

1. Doutorando e Mestre em Filosofia da Ciência e Teoria do Conhecimento pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestrando em História da Ciência e da Saúde pelo COC-Fiocruz. Professor da Faculdade Messiânica e pesquisador do IECTS, Instituto de Estudos Conceituais e Sociais de Ciência, Tecnologia e Sociedade. Membro colaborador do "Hands on Particle Physics" Rio de Janeiro

*Autor correspondente: viniciusphilo.uerj@gmail.com

Recebido: 13/04/2017; Aceito 03/05/2017

Muito se tem alertado para a baixa qualidade da divulgação de ciência no Brasil. Ela não é fruto da incompetência, ou ao menos, não somente desta, mas de uma ideologia mercantil e utilitarista por um lado, e um sensacionalismo fantástico por outro. Em ambos os casos o efeito é demasiado nocivo: ao ler uma matéria sobre ciência, ou se têm a sensação de que ela é mais uma commodity dentre outras, ou se confunde ciência com ficção científica. Raramente se apreende a ciência tal como é feita, seu pluralismo, seu caráter de construção coletiva inacabada, seu espírito crítico e valor cultural. A revista Veja Rio, edição de 30 de setembro de 2015 contribuiu ainda mais para reforçar a incompreensão entre os seus leitores do que seja a ciência.

ESCREVER SOBRE CIÊNCIA É ESCREVER SOBRE TECNOLOGIA?

O primeiro problema começa logo na seção em que a matéria “Petrópolis recebe Santos Dumont”, o maior supercomputador do Brasil, está inserida: “Tecnologia”[1]. A seção é de tecnologia, mas a matéria é de ciência, ou será uma seção de ciência com matéria de tecnologia? Talvez para Veja essa seja uma questão trivial, afinal, Ciência e Tecnologia não são a mesma coisa? Bem, se essa é mesmo a posição da revista, isso só ressalta o fato de que boa parte de nossa imprensa assumiu uma concepção utilitarista de ciência, permeada por uma lógica de mercado

instrumentalista que reduz a busca pelo conhecimento, que é o que deveria ser a ciência, com as aplicações do saber obtido, o que em tese são suas consequências. A relação entre ciência e tecnologia não seria de identidade, mas do mesmo tipo que a relação entre meios e fins. Parece uma diferença sutil, mas sabemos do impacto dos formadores de opinião. Claro que a Revista não criou o problema – tal utilitarismo de mercado vem se tornado hegemônico e está impregnado até mesmo na Universidade, de um modo geral. A confusão conceitual não foi criada pela grande mídia, é óbvio, mas vem sendo reproduzida por ela. Todavia, o que esperamos do jornalismo é que seja crítico, e não meramente o multiplicador das ideologias dominantes. Eis outra distinção que alguns pensadores defendem: entre fato e valor. Uma coisa é a imprensa como ela é, ou seja, o fato, e outra bem diferente, é como ela deveria ser, o valor. O jornalismo deveria ser crítico, mas quando a imprensa da grande mídia de fato é assim?

A FANTÁSTICA VISÃO DE VEJA SOBRE OS PROBLEMAS DA PESQUISA NO BRASIL

A matéria noticia o início da operação do supercomputador Santos Dumont, que começou a funcionar no LNCC em Petrópolis, Rio de Janeiro, em outubro de 2015. O texto começa ensinando a confusão novamente. Dom Pedro II é descrito como grande

incentivador da tecnologia. Sim, é verdade. E da ciência? Após mencionar o Imperador, o autor descreve o funcionamento do Santos Dumont como um “acontecimento extraordinário na ciência nacional”. Pareceu, por um momento, que a matéria era uma antiga reportagem sobre a participação de Lattes na descoberta do méson-pi, ou acerca dos trabalhos que levaram Arthur Ávila a ganhar a Medalha Fields, o mais importante prêmio da matemática em todo mundo. Será alguma coisa ligada a uma descoberta do neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis? Não, é sobre um supercomputador mesmo, que ainda nem estava operando até então, e que não foi feito no Brasil, mas na França. É claro que a aquisição da máquina é de suma importância para a ciência brasileira, não pela máquina em si, mas pelo que ela permitirá a pesquisadores esforçados e criativos de todo o país. Em outras palavras, o supercomputador por si mesmo não pode ser considerado um acontecimento extraordinário da ciência brasileira, a não ser que fosse fruto da engenhosidade nacional. Além disso, a máquina não é um fim em si mesmo, mas um meio para a pesquisa de seres humanos de carne e osso que fazem ciência em um país que não a valoriza como deveria. Se o supercomputador estará ligado, um dia, a algum feito científico extraordinário, este não pode ser meramente a sua compra ou instalação, mas o fruto do uso que algum cientista fará. Mais uma vez, poderão dizer que essa ponderação é trivial e demasiado detalhista, mas não é. Após ler dezenas de notícias de ciência com esta mesma abordagem, o leitor vai assimilando e tornando-se reprodutor daquela compreensão equivocada sobre ciência. O utilitarismo é novamente reforçado quando as aplicações da máquina são listadas: Meteorologia e Medicina foram os exemplos dados. Realmente são duas áreas estratégicas e importantes. Mas por que não mencionar que a máquina poderá ser útil para o desenvolvimento de pesquisas fundamentais, em áreas básicas, como matemática pura ou lógica quântica?

A CIÊNCIA BRASILEIRA NO TOPO DO MUNDO NA VISÃO DA REVISTA VEJA

Em um país com enormes desafios à educação básica e superior, com inúmeras universidades com baixíssimo desempenho em pesquisa e uma quantidade irrisória de mestres e doutores, a matéria de Veja parece enxergar outra realidade. Enquanto milhares de estudantes empreendem uma verdadeira luta para se formar, e uma quantidade incrível de mestres e doutores pesquisa sem receber bolsa ou quaisquer auxílios financeiros, o mundo encantado da revista apresenta uma realidade paralela. Falta de verbas, corte do programa “Ciência sem Fronteiras”, ausência de bons laboratórios e bibliotecas nos programas de pós-graduação país afora, nada disso pareceu importar. Ao final da matéria, a visão simplória de Veja nos assalta com toda força quando o articulista sacramenta que a “novidade”, a supermáquina, aquele “acontecimento incrível”, pode ser o passaporte para a entrada do Brasil no “clube das nações que fazem ciência de ponta”! Que notícia fantástica: tivemos nossos Lattes e Leite Lopes, Tivemos Schenberg e hoje temos Ávila e milhões de outros bons pesquisadores que remam contra a maré, mas não fomos capazes de fazer ciência de alto nível, “de ponta”, com estes meros mortais. Todavia, que felicidade, chegou de França, a pouco, a máquina do tempo que nos levará ao futuro, que em um passe de mágica, apesar dos milhões de bolsistas mal remunerados, das bibliotecas mal equipadas e da ausência de uma cultura científica no país, poderá, a partir deste outubro de 2015, fazer do Brasil uma potência científica!

O UTILITARISMO NO JORNALISMO CIENTÍFICO BRASILEIRO

A visão da Revista Veja não é um caso isolado de jornalismo científico utilitarista no Brasil. O problema não é pontual, restringindo-se a uma revista ou jornal, e nem se deve à competência individual de um jornalista. É um problema sistêmico e geral. O utilitarismo e o produtivismo presentes na imagem jornalística da ciência reforçam e são

reforçados pelas opções da política científica nacional. A falta de uma cultura científica no Brasil agrava o problema. Como apontamos em *As distorções do jornalismo científico*, o país tem um grande desafio na área da formação científica [2]. É preciso investir na formação acadêmica tanto de jornalistas, cientistas e educadores. História e Filosofia da Ciência, por exemplo, são disciplinas fundamentais para a formação de um espírito crítico, e para que não se confunda ciência com cientificismo.

O futuro cientista, e os jornalistas científicos devem sabê-lo, precisam se colocar a questão posta pelos grandes cientistas filósofos do século XX, como Poincaré, Heisenberg e Schrödinger: “Qual é o valor da ciência?”. Questão que em 2015 embalou a Reunião Magna da Academia Brasileira de Ciências [3]. Evidentemente a ciência gera e demanda desenvolvimentos tecnológicos e inovações técnicas. No entanto, há algo na ciência que é de natureza intangível. Filósofos naturais e cientistas de todos os tempos foram movidos por interesses práticos, concretos, profissionais e pessoais? Sem dúvidas, pois não estavam acima da condição humana. A ciência não é uma torre de marfim etérea apartada da realidade histórica e social. Mas isto não significa que não houvesse algo a mais. Também os poetas e as poetisas são homens e mulheres de carne e osso, e nem por isso sua poesia é feita apenas de matéria vil. No caso da ciência, o que é esse algo a mais? Podemos dizer que é a busca do conhecimento como um fim nobre em si mesmo, a paixão por compreensão, a capacidade de não ser utilitarista a ponto de valorizar somente aquelas ações e saberes capazes de produzir aplicações práticas em curto prazo. Sem isso, não avançariam a cosmologia e a física fundamental, a matemática pura ou a antropologia etc. Ciência e tecnologia não podem ser dissociadas, mas também não podem ser confundidas. Sempre que o jornalismo científico não faz esse recorte crítico, reforça uma imagem distorcida da pesquisa científica, como que a justificando socialmente pelos resultados práticos e econômicos que é capaz de gerar.

A outra face da moeda do utilitarismo é a ficção científica. A tendência é que as matérias de ciência sempre tendam para um dos lados. Ou são utilitaristas, ou sensacionalistas. Nesse segundo caso, as distorções não são menores, e a ciência é identificada a empreendimentos fantásticos e mirabolantes, ou a acontecimentos incríveis capazes de reordenar abruptamente nossa compreensão da existência. Todo o misticismo quântico e o modo como a detecção do bóson de Higgs pelo LHC, o *Large Hádron Collider*, no CERN, alardeado como “partícula de Deus”, são tratados na grande imprensa servem de modelo dessa perspectiva. Deste modo, vivendo essa constante bipolaridade entre o utilitarismo e o sensacionalismo, o ideal de uma cultura científica nacional vai se tornando cada vez mais remoto. Cabe aos homens e mulheres de ciência do país se engajar para que um dia ele se torne real.

REFERÊNCIAS

- [1] [1] GUIMARÃES, S.P. **Petrópolis recebe Santos Dumont, o maior supercomputador do Brasil.** Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/cidades/petropolis-recebe-santos-dumont-o-maior-supercomputador-do-brasil/>>, acesso em: 26/09/2015
- [2] SILVA, V. C. **As distorções do jornalismo científico.** Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/as-distorcoes-do-jornalismo-cientifico/>>, acesso em: 07/10/2015.
- [3] SILVA, V. C. **Entre a pesquisa fundamental e a pesquisa aplicada: Qual o valor da Ciência?** Disponível em: <http://www.rio2015.esocite.org/resources/ais/5/1442022400_ARQUIVO_ViniciusEntreapesquisafundamentaleapesquisaaplicadaQualovalordaCiencia.pdf>. VI Simpósio Nacional de Ciência Tecnologia e Sociedade, 2015.